

AÇÃO Fap

UNIFESP

INFORMATIVO DA FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIFESP
Edição 15 | Junho de 2008

Editora Unifesp lança o 1º livro

Uma editora própria sempre foi o sonho da comunidade da Universidade Federal de São Paulo desde os tempos da Escola Paulista de Medicina. Planejada em 2007, a Editora Unifesp teve a sua criação concretizada em 2008. No dia 9 de maio, recebeu o prefixo editorial nº 61673, que a identifica na agência brasileira do ISBN – International Standard Book Number. Ligada à Fap (Fundação de Apoio à Unifesp),

tem como objetivo difundir o conhecimento nas áreas de humanidades, ciências exatas, biológicas e da saúde. O logotipo da Editora Unifesp é um jequitibá, árvore que representa o Estado de São Paulo e cujo nome, em tupi-guarani, significa gigante da floresta. Ele já estava no logotipo da Escola Paulista de Medicina e representa agora, numa versão estilizada, a Editora Unifesp.

A presidente da Editora Unifesp é a Profa. Dra. Ruth Guinsburg, titular do Departamento de Pediatria, Disciplina de Pediatria Neonatal da Universidade Federal de São Paulo. Ela acredita que a editora é uma consequência do crescimento da Universidade. "Desde os tempos em que a universidade era centrada nas ciências da saúde já havia uma produção de livros didáticos e de temas relacionados com a saúde bastante grande", diz ela. A publicação dessas obras era possível por conta de uma série de parcerias com editoras comerciais. Para ela, três fatores foram fundamentais para o surgimento da Editora Unifesp. "Ela é o resultado da fusão de três momentos: o crescimento da Unifesp, o sucesso da Fap e a missão maior de todos nós que estamos aqui, que é produzir e propagar conhecimento", analisa Ruth.

O livro **A Formação Médica na Unifesp: Excelência e Compromisso Social**, organizado pelos professores Rosana Fiorini Puccini, Lucia de Oliveira Sampaio e Nildo Alves Batista inicia uma série de outros lançamentos que promete ser extensa. Em treze capítulos, são relatadas muitas experiências vividas por professores, pesquisadores e educadores da área médica formando um mosaico por meio do qual se têm uma noção



EDITORA UNIFESP

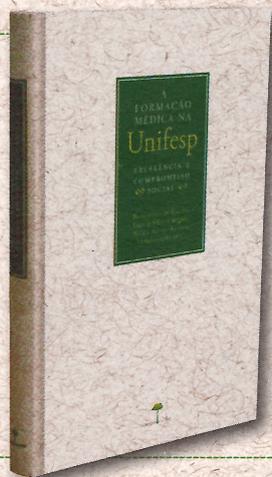
precisa da educação médica no Brasil.

Além do livro dos professores Rosana Puccini, Lucia Sampaio e Nildo Batista, dois outros estão em produção: *A Universidade Federal de São Paulo aos 75 Anos: Ensaio sobre História e Memória*, escrito a oito mãos por professores de História da Unifesp-Guarulhos sob a coordenação do Prof. Jaime Rodrigues, e *75 x 75: uma História, 75 Vidas*, coordenado pelo Prof.

Dante Gallian (ver **Ação Fap** nº 13, abril de 2008). As duas obras devem ser lançadas no final de setembro.

Estão sendo analisadas por pareceristas várias propostas de tradução na área da filosofia, a tradução de um livro de medicina e alguns originais de docentes da Unifesp. Além desses, está sendo analisada uma série didática relacionada à química, à biologia e à física, em português, que deve contar com a colaboração de docentes da Unifesp-Diadema.

O caminho traçado pelo texto original de um livro na Editora Unifesp é semelhante ao percorrido em editoras universitárias. O texto original deve ser enviado impresso, não em formato eletrônico, acompanhado de um ofício ao presidente da Editora



*A Formação Médica na Unifesp:
Excelência e Compromisso Social*
Rosana Fiorini Puccini, Lucia de
Oliveira Sampaio e Nildo Alves
Batista (orgs.)

Formato: 16 x 23 cm; capa dura
Número de páginas: 312
ISBN 978-85-61673-00-0
Preço: R\$ 50,00

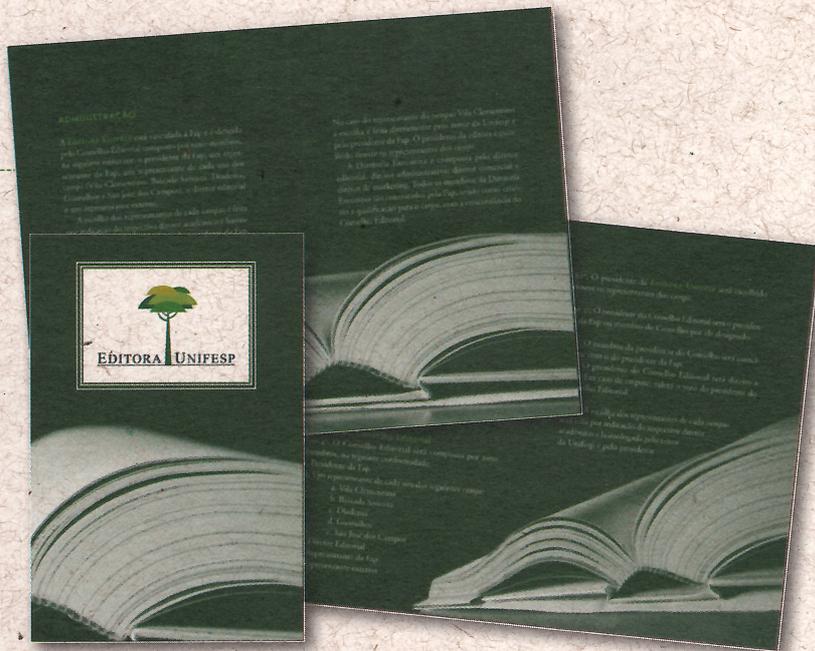
solicitando a avaliação da obra. O modelo do ofício para avaliação de um texto original está no **manual com informações gerais da Editora Unifesp**, editado pela Fap. Ele pode ser solicitado pelo e-mail editora@fapunifesp.edu.br. A análise de um original não significa um compromisso de publicação.

Depois de recebido, o texto original é enviado a um parecerista, um profissional contratado para analisar a obra e dar – como o nome sugere – um parecer favorável ou não à publicação da obra. Na sua avaliação, ele resalta os pontos positivos, os negativos, as mudanças necessárias e sugere ou não a publicação.

O passo seguinte é a avaliação do texto pelo Conselho Editorial. Essa sim é decisiva para a publicação do livro. Na Editora Unifesp, o Conselho Editorial é formado por um representante de cada um dos cinco *campi*, o presidente da Fap, um editor, um representante da Fap e um representante externo. São eles:

- **Cláudia Costin**, ex-secretária de Cultura do Estado de São Paulo (janeiro de 2003 a maio de 2005);
- **Cynthia Andersen Sarti**, professora titular e diretora acadêmica da Unifesp-Guarulhos;
- **Durval Rosa Borges**, presidente da Fap;
- **Márcia Couto**, socióloga, antropóloga, cientista social e professora adjunta da Unifesp-Baixada Santista;
- **Mauro Aquiles La Scalea**, professor adjunto e coordenador do curso de Química da Unifesp-Diadema;
- **Paulo Bandiera Paiva**, professor adjunto da Unifesp-São José dos Campos;
- **Plínio Martins Filho**, editor, presidente da Editora da Universidade de São Paulo (Edusp);
- **Ruth Guinsburg**, professora titular da Unifesp-São Paulo.
- **Vera Aburesi Salvadori**, biomédica e assessora de relações internacionais da Fap.

Os representantes de cada *campus* são indicados pelo respectivos diretores acadêmicos e homologados pelo reitor da



Unifesp e pelo presidente da Fap. Já o representante do *campus* Vila Clementino é escolhido diretamente pelo reitor da Unifesp e pelo presidente da Fap. O Conselho Editorial decide quem será o presidente da Editora.

Uma vez aprovada a edição, o autor assina um contrato com a Editora. Os originais então começam a ser preparados, passando pela revisão e padronização do texto. Elas seguem a normatização utilizada pela Editora. Paralelo à preparação do texto, é criado o projeto gráfico que determina o aspecto visual das páginas do livro, o tipo de letra, a distribuição do texto nas páginas. Além de todo o miolo do livro, é criada a capa.

Depois de várias provas e revisões, o material vai para uma gráfica contratada. Ela é escolhida levando-se em conta as características do livro. Depois de impresso o livro, começam a divulgação e distribuição.

A intenção da Editora Unifesp é trabalhar apenas com mérito, sem nenhuma preferência ou preconceito. "Pretendemos publicar tudo o que tenha qualidade. Portanto, a gente convoca todos os que queiram colaborar a enviar seus originais", finaliza Ruth. **Fp**



ADILSON LIBROA

O futuro do livro

Atualmente, se discute muito se o livro será ou não substituído por novas tecnologias. **Ruth Guinsburg**, presidente da Editora Unifesp arrisca uma previsão: "Eu sinceramente acho que não. O livro é o conhecimento manuseado, sentido, que você 'brinca' com ele enquanto está pensando num tempo indefinido. Eu acho que o livro está aí, e vai estar por muito tempo ainda". Até uns anos atrás, especificamente na área médica, as atualizações eram feitas pelos livros. Hoje esse espaço foi tomado

por revistas eletrônicas: sem dúvida, muito mais rápidas na criação e na distribuição da informação que chega a milhares de pessoas em segundos. Na opinião de Ruth Guinsburg é justamente a rapidez dos meios eletrônicos que acaba favorecendo o livro quando a intenção vai além da mera transmissão de notícias. "Para mim, o livro vai estar sempre aí na reflexão, na discussão e na colocação de um tempo de pensar mais profundo", completa Ruth.

Professor titular: a função do cargo

No final de junho deste ano, dezenas de candidatos participaram da seleção para professores titulares da Universidade Federal da São Paulo (Unifesp). As provas duraram dias. Concluído o concurso para professor titular da Unifesp, doze professores conquistaram essa posição:

Clovis Ryuichi Nakaie (Vila Clementino);
Cynthia Andersen Sarti (Guarulhos);
Etelvino José Henrique Bechara (Diadema);
Hugo Pequeno Monteiro (Vila Clementino);
Janine Schirmer (Vila Clementino);
José Alberto Neder (Vila Clementino);
José Luiz Martins (Vila Clementino);
Nildo Alves Batista (Baixada Santista);
Olgária Chain Feres Matos (Guarulhos);
Regina Célia Spadari (Baixada Santista);
José Luiz Martins (Vila Clementino);
Ronaldo Ramos Laranjeira (Vila Clementino);
Virgínia Berlanga C. Junqueira (Diadema);

Para falar sobre o que é e o que representa a titularidade na Unifesp, **AÇÃO Fap** entrevistou o Prof. Durval Rosa Borges, professor titular do Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Paulo.

AF: O que é ser um professor titular?

DURVAL ROSA BORGES: Há necessidade de definir o papel do professor titular. Na universidade pública federal o cargo não é necessário e nem suficiente para o exercício de qualquer função. Não é necessário, pois mesmo o cargo de reitor pode ser exercido por professores adjuntos ou associados. Não é suficiente, pois o cargo de professor titular não garante o exercício de nenhuma função específica. Na Unifesp o professor titular é membro nato do Conselho Universitário (Consu) e do conselho do departamento onde está lotado. Penso porém que a condição de membro nato do Consu deve se modificar com a próxima reforma do estatuto.

AF: Por que um professor se dedica tanto para se tornar titular?

DRB: Quando perguntaram a Edmund Percival Hillary, o primeiro homem a atingir o topo do mundo, em 29 de maio de

1953, por que ele havia escalado o monte Everest a resposta foi: "porque ele estava lá". Com variantes mais ou menos elaboradas é esta a resposta que obtemos de candidatos ao cargo de professor titular, quando perguntados durante o concurso. O docente indicado para o cargo de professor titular não está recebendo um prêmio, uma função privativa ou um salário significativamente melhor do que o de professor associado. Eu entendo que o professor titular está recebendo um dever, e não um direito. Está sendo reconhecido como liderança universitária, como alguém capaz de pensar a universidade.

"Há necessidade de definir o papel do professor titular. Na universidade pública federal o cargo não é necessário e nem suficiente para o exercício de qualquer função"
DURVAL ROSA BORGES

AF: O que o senhor acredita que o novo estatuto vá promover?

DRB: A Escola Paulista de Medicina norteou-se em sua fundação por dois valores: excelência no ensino e na pesquisa, e oferecimento de assistência médica de qualidade. Escolheu como símbolo o jequitibá com seis galhos, um para cada ano do curso de Medicina. Com a transformação da EPM em universidade, inicialmente temática e recentemente em universidade plena, passou a haver a necessidade de estruturar a universidade. Este processo difere do mo-

delo de criação de universidade por agregação de unidades previamente existentes. Com o novo estatuto, a Unifesp vai ordenar algumas questões que durante anos receberam soluções que serviam apenas para o momento presente. Apesar disso, é possível que a questão do papel do professor titular na Unifesp seja resolvida na prática antes de ser equacionada na teoria. Mas isso não é desculpa para não procurarmos já uma solução teórica.

O **AÇÃO Fap** entrevistou professores de todos os *campi* sendo um adjunto e os demais titulares.

Marcos Augusto Bizeto é formado em Química pela Universidade de São Paulo, doutor em Química na área de Concentração de Química Inorgânica pela USP e pós-doutorado em Química Inorgânica pela USP. Representando o *campus* de Diadema, Bizeto é professor adjunto em regime de dedicação exclusiva e chefe do Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Para ele, a função privativa do professor titular é organizar e coordenar projetos temáticos de pesquisa, participar do planejamento futuro acadêmico-científico da Universidade, fazendo parte de conselhos e comitês institucionais. "Nos novos *campi*, eles devem ser pilares para a implantação e desenvolvimento de programas de pós-graduação e consolidação das atividades de pesquisa. Ele deve, ainda, planejar os rumos a serem tomados para a consolidação das novas unidades e representar o *campus* no Conselho Universitário", diz Bizeto. Na sua opinião, o professor titular, na estrutura do MEC, figura como uma classe dentro da carreira do magistério superior, o que pode ser considerado como cargo e no meio acadêmico, é considerado um título. Quanto à avaliação no concurso, o Prof. Marcos Bizeto acredita que ela deve ser feita por uma banca formada por professores titulares em atividade que avaliarão a competência acadêmico-científica do candidato. "A ênfase deve ser em critérios como recursos humanos formados na pós-graduação, projetos científicos executados e respectiva produção científica", completa ele.

Olgária Chain Féres Matos é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo, fez o mestrado em Filosofia na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e doutorado pela Universidade de São Paulo. É professora titular aposentada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Para ela, o professor titular "é um docente que concluiu sua carreira profissional, tendo passado por concursos com a apresentação de pesquisa para o mestrado, doutorado, livre-docência, adjunção (no caso da USP e demais universidades estaduais paulistas) e, por fim, professor titular. "Sua função, pela experiência e competência atestadas ao longo da sua trajetória, é participar e intervir em todas as decisões de política acadêmica e política da instituição no sentido amplo", diz a Prof^a Olgária. "Por isso, o professor titular é membro nato do Conselho Universitário, órgão máximo da Universidade", conclui. Nos novos *campi*, ele deve, em particular na área das ciências humanas, favorecer a implantação de novos cursos. Na opinião da Profa. Olgária o titular, na prática, acaba por acumular título, por conta da competência, autoridade intelectual e institucional, e cargo, pelas tarefas de política universitária em sentido amplo. A Profa. Olgária acredita que a avaliação para professor titular deveria ser revista: "Há muito desgaste. Tanto dos concursandos quanto das bancas examinadoras. Além disso, os concursos podem se tornar uma espécie de "licitação", intelectual, o que é de se lamentar", completa ela.

Janine Schirmer, graduada em Enfermagem e Obstetrícia, acaba de passar no concurso para professor titular realizado no final de junho deste ano. Ela acredita que como titular, o docente tem muita responsabilidade social. "Ele tem que ter habilidade em aglutinar as pessoas em torno de um objetivo para o departamento. Deve ser um modelo a ser seguido,

uma liderança política na Academia. Eu, por exemplo, me obrigo a pensar sempre como um professor titular da Unifesp e não da Enfermagem. Além disso, é fundamental que ele não se isole. O professor titular não pode esquecer jamais que muitas pessoas trabalharam para que ele chegasse a essa posição. Enfim, ele tem que se envolver completamente com a Academia", afirma a Profa. Janine.

João Alberto Néder Serafini é formado em Medicina com especialização em Pneumologia pela Universidade do Mato Grosso do Sul. Defende a ideia de que ser um professor titular é muito mais do que uma posição pessoal, é uma posição fundamentalmente institucional. "É uma doação pessoal muito grande. Isso precisa ficar bem claro para os futuros candidatos", diz Néder.

"Há muito desgaste. Além disso, os concursos podem se tornar uma espécie de 'licitação', intelectual, o que é de se lamentar"

OLGÁRIA MATOS

Nildo Alves Batista formou-se pela Universidade de São Paulo, fez doutorado em Medicina (Pediatria) também na USP e livre-docência em Educação Médica na Unifesp. É diretor acadêmico da Unifesp-Baixada Santista. Para ele a função de um professor titular é, acima de tudo, colaborar para que sejam desenvolvidas as funções de ensino, pesquisa e extensão. Para ele a titularidade significa o topo da carreira. "Sem dúvida, traz com ela uma maior responsabilidade institucional e compromisso com a manutenção da excelência técnica e social da Universidade", completa o Prof. Nildo.

Regina Célia Spadari é chefe do Departamento de Biociências da Unifesp-Baixada Santista. Graduada em Ciências Biológicas pela Unesp/Rio Claro, fez mestrado em

Fisiologia na Unicamp (Campinas), Doutorado Ciências, Fisiologia Humana (USP) e Pós-Doutorado na University of Wisconsin (EUA). Tem como linha de pesquisa: aspectos cardiovasculares, endócrinos e metabólicos do estresse. Para Regina, a titularidade é o reconhecimento de um período longo de estudo e pesquisa. Ao mesmo tempo, ela acredita que, com o reconhecimento, vêm responsabilidades. O titular, acredita, deve dar os rumos da universidade. Nos novos *campi*, ele tem a função importantíssima, segundo Regina, de representá-lo no Conselho Universitário.

Ronaldo Ramos Laranjeira é graduado em Medicina pela Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo e PhD em Psiquiatria pela Universidade de Londres. "Acredito que a função privativa

do titular é ser um conselheiro do Departamento. Enxergar o futuro dos próximos vinte ou trinta anos", afirma. Quanto à função nos novos *campi* da Unifesp, ele acha que o titular deve buscar a excelência no ensino e na pesquisa, como faz a Unifesp-Vila Clementino. Ser titular, para ele, é um cargo com funções definidas entre as quais a busca por recursos e a orientação estratégica da construção do futuro da Universidade. Apesar de tenso para quem dele participa, o concurso que escolhe professores titulares é justo porque valoriza o currículo do candidato. Em geral, o titular tem que demonstrar três características: uma boa produção de conhecimento, a habilidade na captação de recursos e ser um "empreendedor" criando novos meios de disseminar o conhecimento. **Fp**